

ESTA EXPOSIÇÃO É DEDICADA A CHICO BARRETO

VIAGEM NO LABIRINTO

No labirinto do inconsciente, todo ser humano enfrenta o *seu* Minotauro individual, que é o conjunto das pulsões irracionais que podem comprometer o equilíbrio psíquico. O Minotauro é o *animal* que habita em nós. Também é Thanatos (instinto de morte), ou o que Jung chamou de *sombra*, que são as forças internas destrutivas, capazes de aniquilar nosso Eros (instinto de vida e de criação).

Em sua mostra *Signos Tecidos*, que se configura como um jogo em três níveis, Eduardo Barreto começa nos transportando para o interior de seus *livros de artista*. Sem o menor apelo às seduções da cor, trabalhando com a verdade visceral do preto sobre branco e também com a dialética da opacidade e da transparência, ele nos mostra um percurso labiríntico virtualmente sem fim. Como o novelo dado por Ariadne que conduziu Teseu no labirinto, cada trabalho é pura sucessão no tempo, experiência vital que nasceu da anterior e conduziu à próxima, numa sequência de registros tão espontâneos que dissolvem, na prática, a hegemonia de qualquer critério de seleção.

Não é o resultado particularmente belo que conta, mas o processo, a sucessão, o combate sem tréguas, que projeta o artista dentro da obra, na feroz tentativa de anular a separação entre sujeito e objeto, na tensão crucial da vontade de superar a obra como simples tábula rasa de impressões subjetivas. Há um esforço visível de impregnar cada trabalho, ao máximo, com as energias da luta que é penetrar em si próprio como uma aventura de autoconhecimento. E existe também a ânsia de que todo esse turbilhão de imagens possa de alguma forma instalar-se no Outro, que deverá ser capaz de observar a obra de modo interativo.

O jogo da criação artística é tão circular como o jogo do desejo e suas pulsões. Assim como o desejo não existe sem fantasia e, ao realizar-se, se esvanece na conquista de seu objeto e no fiasco da realidade que o mostra incompatível com o imaginário previamente projetado, cada obra de arte gera nova pulsão criadora ao chegar à sua provisória e precária completude. Sempre que a demanda silencia, uma nova pulsão advém.

O Minotauro é imortal, assim como o novelo que nos guia no labirinto. É incessante o combate contra o lado sombrio da nossa existência, assim como a pulsão íntima de reinventar as imagens, reinaugurando o ser e seus desejos.

Por isso a arte de Eduardo Barreto se fez jogo instantâneo, captura do animal que pensa a si próprio, oscilando entre o domador que se permite até arrebatado pela fera e o arquiteto que tem mãos e inteligência para tecer uma

loucura controlada, organizando-a, na medida do possível, nos espaços do Eu e do Outro.

Movendo-se no perigoso interregno que conjuga processo artístico com solitária psicanálise, Barreto questiona a fragilidade da arte prisioneira de fatores estéticos. Além disso, ele sabe que a arte está ameaçada de extinção neste mundo governado pelas forças das armas, do poder econômico e da alienação controlada pelos meios de comunicação de massa.

Sua proposta é a de uma arte *ontológica*, assumida como um jogo entre muitos outros possíveis, metaforicamente apresentado como uma partida de perde/ganha, na parte e no todo. A visceralidade, neste horizonte, se ergue como uma arma possível, contra o que é precário e provisório.

Libertando seus signos plásticos da prisão do figurativo, para dar-lhes a força de símbolos vivos que brotam do inconsciente (ou do *animal* que em nós habita), Barreto nos re-vela imagens-pulsões-sexuais, formas tecidas no limite da angústia e da procura, subversões do belo na concretude do inacabado, do informal e do desconhecido. O que vemos são formas *híbridas*, que mesclam a razão com as pulsões íntimas. Em alguns trabalhos, percebe-se que o processo não descartou o sentido de organização, e trazem à tona *arranjos formais* das energias viscerais que subiram à altura dos olhos. O acervo dos seus livros de artista foi selecionado como num filme, do qual são mostrados apenas uma parte dos fotogramas. Ou como um livro muito aberto, que também apresenta páginas fechadas ao olhar do Outro.

O MINOTAURO EM LIBERDADE

O segundo nível de *Signos Tecidos* mostra que o Minotauro em liberdade não é desprovido nem de sentido, nem de razão. O combate aqui, é contra Dédalo, o arquiteto do Labirinto que aprisiona o nosso monstro interior. Barreto estilhaça o suporte, este signo do limite que impede a livre expressão criadora, em nome das regras de ouro que normalmente domesticam a arte burguesa e bem-comportada. A criatividade ganha então as forças da fluidez, do ritmo livre, das formas soltas no espaço. O Labirinto se amplia, pois o que se ganha em significado se perde em precisão.

A estética, enquanto jogo excessivamente organizado, é colocada em cheque pela verdade maior do fluxo interior, do caudal criativo que se afirma pelo fragmentário, pelo poder da sugestão tornado maior que o da definição, pela riqueza inesgotável do potencial simbólico das imagens assumidas como objetos entranhadamente subjetivos. A poesia sem o controle do racional

parece ter vencido a batalha, coincidindo com a percepção de Jung sobre a *sombra*: é necessário assimilá-la, incorporando as energias do inconsciente ao consciente, ou o ser humano não crescerá, não se individualará com capacidade para vencer suas neuroses pessoais.

O TERCEIRO JOGADOR

Na dialética entre o racional e o irracional, entre o Arquiteto e o Minotauro, o artista vê surgir uma terceira força: a do observador histórico, imparcial. Um sinal de que todo conflito dualístico acarreta a presença de um terceiro termo, *distanciado* das partes em luta. Assim, no terceiro nível de seu jogo de *Signos Tecidos*, Barreto re-ordena seu material de trabalho ao longo de um pergaminho virtualmente infinito, enrolado à esquerda e à direita, para mostrar que o processo não tem nascedouro nem fim - apenas existe, e por isso pode preencher o tempo e o espaço. Neste ponto, há uma intenção explícita de fazer uma *arqueologia do gesto*, documentando numa ordem espaço-temporal, tão meticulosa quanto obsessiva, os frutos instáveis da sua criatividade instantânea.

A ordem que se instala diminui o Labirinto, pois o que se ganha em precisão se perde em potência de significado. Mas não se pode dizer que este terceiro nível do jogo representa uma vitória do Arquiteto. Nesta partida de perde/ganha, onde foram apostadas igualmente as fichas do racional e do irracional, o que ocorre é mais significativo, é uma colocação do ser lógico do Arquiteto *em paralelo* com o ser visceral do Minotauro interior, refletindo a ânsia de *fusão de ambos*. O jogo parece apontar para uma tradução plástica do desejo de reintegração do ser, carregado de fantasia como qualquer desejo humano, e que talvez não passe de mera utopia do ser humano que se sabe condenado à contingência.

De qualquer forma, é só neste terceiro nível do jogo que os signos da esperança de superação dos conflitos e limites interiores podem encontrar algum espaço. E, se não cabe falar de esperança no âmbito desta arte guerreira, podemos pelo menos falar de fascinação, nos termos propostos por Jacques Lacan: "*A fascinação é absolutamente essencial no fenômeno da constituição do eu. É enquanto fascinada que a diversidade incoordenada e incoerente da fragmentação primitiva [do ser] adquire sua unidade*".

Mário Margutti
Janeiro de 1996